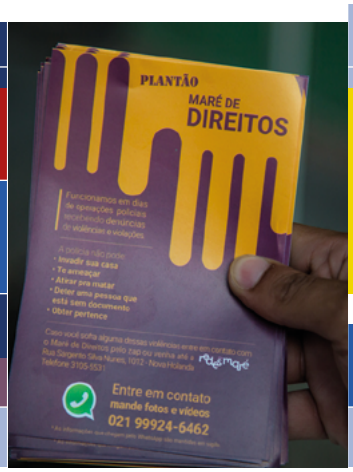
Casa das Mulheres da Maré
ATIVIDADES E RESULTADOS | 2019



FOTOS: DOUGLAS LOPES, ELISÂNGELA LEITE E JÉSSICA SENRA/REDES DA MARÉ

Fortalecer mulheres é desenvolver seus territórios

Rua da Paz, 42. Parque União. Maré. Desde outubro de 2016 elas cruzam a porta da Casa das Mulheres da Maré e partilham lições de vida. Há mais de três anos mostram como não desistir diante dos desafios, a dizer sim para oportunidades, a se fortalecer com a dor, a sorrir apesar das adversidades, a se alegrar com pequenas vitórias, a se indignar quando necessário, a superar dificuldades. E seguir.

Potentes, guerreiras, empoderadas, batalhadoras, talentosas, empreendedoras, criativas, negras, brancas, pardas, nordestinas, transgênero, mulheres com deficiência, jovens, filhas, mães, avós. Mulheres. Cada uma com sua história, trajetória, amores e desejos. Elas são a razão de ser da Casa das Mulheres da Maré.

Sonho que começou a ser gestado em 2010, a partir do eixo de Desenvolvimento Territorial da Redes da Maré, a Casa das Mulheres é hoje uma importante iniciativa voltada para a equidade de gênero a partir da experiência e vida das mulheres de favelas e periferias.

Um espaço de acolhimento psicológico, jurídico, formação profissional, escuta qualificada, trocas afetivas, reflexão e elaboração de políticas públicas por direitos — além de diálogos sobre gênero e desigualdades que estruturam a sociedade brasileira e que afetam diretamente as mulheres das favelas.

Contando com parcerias e apoios essenciais, a proposta da Casa é contribuir para que mudanças concretas aconteçam e interfiram de forma positiva na vida das mulheres que vivem no conjunto de 16 favelas da Maré.

Apresentamos aqui os nossos resultados em 2019 e um pouco desta história de luta, força, autonomia, potência, transformação, alegrias e conquistas!

REALIZAÇÃO:

casa das mulheres da Maré

redes da maré

FOTO: ELISÂNGELA LEITE/REDES DA MARÉ

Mulheres aprendem técnicas culinárias na formação em gastronomia do Maré de Sabores.

MARÉ DE SABORES

Comida que nutre e transforma

Elas sempre tiveram paixão pela cozinha. Quituteiras de mão cheia, muitas preparavam pratos para a família, outras arriscavam a venda de seus produtos para vizinhos e amigos e algumas já trabalhavam com gastronomia em restaurantes, pensões e lanchonetes. Trajetórias diferentes, ponto de chegada em comum. Hoje elas são iniciadas em técnicas tradicionais e sofisticadas de gastronomia que aprenderam nos ensinamentos básicos do Maré de Sabores em 2019.

Foram 69 mulheres na formação básica e 17 no estágio avançado desvendando o universo dos pontos de cocção, técnicas de finalização de pratos, manejo de utensílios de cozinha industrial, familiarização com novos ingredientes, utilização de produtos frescos e preparo de receitas sem glúten e sem lactose.

Essas mulheres, sobretudo, aprofundaram sua relação com a tradição gastronômica do território: sabores, temperos, ingredientes, cheiros e memórias de comidas preparadas nas cozinhas da Maré. Sempre com a inconfundível influência da cultura nordestina e as receitas trazidas nas lembranças dos milhares de migrantes que ali moram.

Não à toa a valorização dos saberes culinários da Maré é um dos pilares do currículo do Maré de Sabores. "Nossa ambição é fortalecer a culinária mareense, que é marcada por várias referências. Mas nosso ponto de partida é a cultura aqui presente, muito influenciada pelo Nordeste em muitas das favelas da Maré", relata Mariana Aleixo, coordenadora da Casa das Mulheres e do Maré de Sabores.

Com a legitimidade conquistada a partir da certificação de participação no projeto, os desdobramentos dessa iniciativa já mostram um impacto real na vida de muitas mulheres, que aumentaram suas possibilidades de atuar profissionalmente, entraram no mercado de trabalho ou começaram a empreender a partir da formação no Maré de Sabores.

Joselaine Prudêncio de Lima, de 31 anos, implementou imediatamente o que aprendeu no Maré de Sabores na pensão de sua mãe — tanto inserindo sua receita de ratatouille no cardápio, quanto melhorando o preparo dos pratos com temperos novos como tomilho, sálvia e páprica.

"Na pensão estamos testando coisas novas, minha mãe ainda estranha certas mudanças e tenho que ir aos poucos", explica. "Mas estou pegando encomendas de doces por fora: faço provas de sobremesas que aprendi no curso e dou de graça pros clientes da pensão, que aprovam e fazem encomendas para festas", conta.

Comer bem é um direito

Projeto pioneiro em qualificação profissional e discussão de questões de gênero na Maré, o Maré de Sabores nasceu em 2010 a partir de uma demanda de mães de alunos do CIEP Operário Vicente Mariano, na Baixa do Sapateiro, uma das 16 favelas da Maré. Durante um tempo, o Maré de Sabores funcionou na Lona Cultural Herbert Vianna e foi o primeiro projeto a ocupar o espaço da Casa das Mulheres em sua inauguração, em 2016.

Desde então, conta com uma cozinha industrial equipada com modernos utensílios, máquinas e equipamentos, garantindo um ambiente profissional para as alunas aprenderem e desenvolverem suas habilidades.

Mas nem só de panelas e receitas é feito o Maré de Sabores. Assim como as participantes do Maré de Belezas, as mulheres participam das aulas de Gênero e Sociedade — espaço onde refletem sobre a condição feminina na Maré e no mundo e aprendem sobre seus direitos, inclusive a uma alimentação saudável.

FOTO: BERG SILVA

"Entendemos que uma alimentação adequada e de qualidade é um direito negado às mulheres de favelas e periferias. A discussão está em outros espaços da cidade, mas fica parecendo que na favela este tema não é uma prioridade", alerta a chef Mariana Aleixo. "Aqui valorizamos a identidade gastronômica local ao mesmo tempo mostramos a importância de consumir comida de verdade e descartar produtos ultraprocessados", diz.

Da Maré para toda a cidade

Braço comercial do projeto Maré de Sabores, o buffet atende clientes em toda a cidade do Rio de Janeiro. São brunchs, lanches, almoços e participação em eventos — como o WOW Rio em 2018 e o Rock in Rio em 2019 — levando receitas próprias, que são a cara da Maré.

Uma delas é o X Marezinha, delicioso sanduíche de pão artesanal com queijo coalho, banana da terra grelhada e molho de cajá — uma inspiração da cozinha nordestina, que tem uma presença forte na Maré (25,8% da sua população é de migrantes nordestinos, fora seus descendentes que cresceram sob forte influência desta cultura).

Em 2019, o Maré de Sabores realizou 113 eventos, envolvendo diretamente 19 mulheres oriundas do projeto e atendendo quase 10 mil pessoas. Uma destas mulheres é Lívia Santos, 34 anos. Ela começou a trabalhar no buffet em 2011 e lá descobriu uma grande paixão: a panificação.

"O Maré de Sabores foi fundamental na minha vida. Foi meu primeiro emprego, onde conquistei minha independência financeira e vi que podia ser muito mais do que eu imaginava", conta. "Hoje sou a padeira do projeto e também dou aula para as novas alunas", orgulha-se.

Tradição nordestina da Maré inspira receitas e faz parte do cardápio.

"Eu estava sem foco, parada no tempo, vivendo em um mundinho, em uma situação familiar difícil... Aqui eu comecei a ver outras coisas e querer trabalhar. Minha família está me vendo mais alegre. Com a aula que fizemos aqui, de chocolate, eu estou vendendo ovo de colher por encomenda, o que é perfeito pra minha realidade"

Cláudia Beata
ALUNA DO MARÉ DE SABORES

RESULTADOS

86 MULHERES FORMADAS EM 2019:
69 EM GASTRONOMIA BÁSICA
17 EM GASTRONOMIA AVANÇADA

37 MULHERES AUMENTARAM A RENDA, EMPREENDERAM OU COMEÇARAM A TRABALHAR DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO

3 MENTORAS FORAM ALUNAS DO MARÉ DE SABORES

126 MULHERES ENVOLVIDAS NA FORMAÇÃO PROMOVIDA PELO MARÉ DE SABORES

44 MULHERES FORMADAS DESDE 2010 PELO MARÉ DE SABORES TRABALHARAM NO BUFFET EM 2019, SENDO **19** FORMADAS NESSE MESMO ANO

113 EVENTOS REALIZADOS PELO BUFFET, ATENDENDO **9917 CONVIDADOS**

44 FAMÍLIAS IMPACTADAS DIRETAMENTE (CERCA DE **150 PESSOAS**)

RESULTADOS

84 MULHERES FORMADAS

72 MULHERES PARTICIPARAM DAS AULAS EXTRAS MENSAIS

58 MULHERES AUMENTARAM SUA RENDA, ESTÃO INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO OU EMPREENDENDO SENDO QUE,

26 DESTAS MULHERES ATENDEM NO PRÓPRIO DOMICÍLIO

10 MULHERES TRABALHAM EM UM SALÃO DA MARÉ

5 MULHERES TRABALHAM EM SALÕES EM OUTRAS PARTES DA CIDADE

18 ESTÃO EMPREENDENDO NO RAMO DE BELEZA (VENDA DE PRODUTOS, MANICURE, DESIGN DE SOBRANCELHA)

MARÉ DE BELEZAS

Mulher bonita é mulher de bem com seu corpo

Questionar e desconstruir padrões de beleza impostos pela sociedade e difundidos amplamente, baseados no olhar elitista que idealiza o modelo europeu (branca, magra, alta, loira, olhos claros...) e a juventude (já que a mulher se torna "invisível" após uma certa idade). Esta é uma das premissas do projeto Maré de Belezas, cujo carro-chefe é a formação como assistente de cabelereira.

Ali, o ponto de partida é que mulheres de todas as cores, medidas, alturas, idades e estilos são bonitas por natureza e devem amar valorizar seus corpos, contornos, experiências, cicatrizes, tamanhos e tons como são. Mas... quem disse que é fácil?

O bombardeio da mídia ditando o que é belo, as imposições sobre os corpos femininos e a opressão histórica — sobretudo sobre as mulheres negras, indígenas e gordas — faz com que este processo exija uma desconstrução de estigmas e valores arraigados desde a mais tenra infância.

Recém formadas pelo Maré de Belezas recebem diploma na sede da L'Oreal.

No entanto, entre secadores, escovas, xampus e tinturas, no Maré de Belezas as mulheres não somente compartilham do aprendizado de um ofício como refletem e aprendem sobre novas formas de ser e estar no mundo a partir de sua realidade como mulheres que vivem em favelas.

O impulso inicial para ser parte do projeto, no entanto, não é este. Geralmente, o que move as mulheres é o desejo de ingressar no mercado de trabalho formal — e a qualificação profissional é vista como fundamental para este objetivo. Assim, o Maré de Belezas, como uma alternativa sem custos para as participantes dentro da Casa das Mulheres da Maré, vem a calhar.

Porém, com a vivência e as trocas durante o curso, outros caminhos — para além do cada vez mais raro emprego de carteira assinada — se abrem: criar o seu próprio salão, sozinha ou em parceria com amigas, atender em casa ou em domicílio, se especializar em eventos e festas e trabalhar em ocasiões especiais...

Opções que dialogam com uma realidade objetiva: muitas precisam harmonizar o trabalho com suas demandas domésticas — função socialmente ainda delegada quase que exclusivamente às mulheres. E o pior: função invisibilizada, não remunerada e não valorizada, mas que dificulta a saída da mulher para o mercado formal de trabalho.

É o caso de Luiza Inácio da Silva, de 33 anos, moradora da Nova Holanda, que prefere trabalhar em casa para estar mais perto dos filhos. "Trabalhar de carteira assinada é bom, mas eu prefiro por conta própria, em casa. Principalmente por causa dos meus filhos, pra tomar conta, estar mais perto, ver o que andam fazendo... Mas sonho com meu próprio salão no futuro", revela.

Ela já tinha prática como manicure e cabelereira e entrou no projeto para se aperfeiçoar profissionalmente. Mas encontrou aprendizados que não esperava: "aprendi a lidar melhor com dinheiro e com pessoas. Mudei muito meu pensamento, abri minha cabeça, hoje vejo que temos que correr atrás dos nossos direitos, não dá pra pensar só em marido e filhos. Se ficar só em casa, a gente acaba se esquecendo da gente!", declara.

FOTO: DOUGLAS LOPES/REDES DA MARÉ

Beleza como potência

Mercado que desperta interesse majoritariamente feminino, tanto na prestação de serviços quanto na clientela, o setor de beleza e estética conta com pelo menos 307 estabelecimentos espalhados pelas 16 favelas da Maré, 10,4% do total de empreendimentos existentes, de acordo com o Censo de Empreendimentos da Maré publicado em 2014.

"As mulheres precisam de renda, autonomia financeira, recursos para criar seus filhos e ter mais independência em relação aos maridos, companheiros, pais", explica Andreza Jorge, coordenadora do Maré de Belezas e da Casa das Mulheres da Maré. "Ao mesmo tempo há toda uma dimensão subjetiva: o que elas desejam para si, como se veem e trabalham sua autoestima, seus sonhos, suas potencialidades? Juntar estas duas dimensões e ajudar a elaborar respostas é o que nos move".

FOTO: REDES DA MARÉ

Aprendizes de assistente de cabelereira em ação.

"Eu não tinha experiência nenhuma, não sabia usar nem o secador! Hoje faço prancha, hidratação, trança, progressiva... Atendo em domicílio e já estou terminando de pagar o material de trabalho com o dinheiro que ganhei depois da formação. A gente acha que nossa obrigação é ser mãe, esposa, dona de casa, cuidar só da família... Aqui eu mudei meu pensamento, minha visão. Estou falando da Casa pras minhas amigas e vizinhas, incentivando a se inscreverem nos projetos"

Vitória Tavares de Oliveira Belarmino, 31 anos
ALUNA DO MARÉ DE BELEZAS

MARÉ DE DIREITOS

Acolhimento individual, reivindicações coletivas

Um olhar interdisciplinar e transversal. Esta é a essência da atuação do projeto Maré de Direitos Mulheres, polo especializado em gênero do projeto Maré de Direitos, do eixo Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré. A iniciativa se destina a acolher demandas jurídicas, sociais e psicológicas tanto das mulheres participantes dos projetos da Casa das Mulheres da Maré quanto de outras que não estão nessa condição.

Demandas que não são nem um pouco simples. Em um território marcado pela violência armada e pela negação de direitos básicos assegurados em outros espaços da cidade, as mulheres da Maré sentem na pele os efeitos da falta de políticas públicas, das desigualdades sociais e do preconceito de raça e gênero que marcam a vida das moradoras de favelas e periferias.

Exemplo disso é a natureza da maior parte dos atendimentos feitos pelo Maré de Direitos Mulheres: pensão alimentícia, acesso a benefícios sociais e apoio psicológico estão no topo das demandas de quem busca o projeto.

A lista vai ao encontro da realidade das favelas da Maré. O Censo Populacional da Maré, divulgado em 2019, mostra que praticamente metade das mulheres do território é responsável financeiramente pelo seu domicílio — seja sozinha ou de forma compartilhada.

Também são elas que cuidam de outros familiares doentes ou na velhice, precisando acessar benefícios e serviços sociais que as apoiem na estruturação familiar e doméstica.

Somam-se a estas dinâmicas, as situações específicas de cada mulher: desejos, vivências, experiências, relacionamentos e histórias de vida.

"As mulheres têm acolhimento aqui na Casa. É um local de escuta, onde procuramos mostrar que elas têm o direito de se cuidar, de olhar pra si mesmas e não apenas atender as demandas de outras pessoas", conta Julia Leal, coordenadora da Casa das Mulheres e do Maré de Direitos Mulheres. "Para isso um olhar global e interdisciplinar é fundamental, pois muitas vezes a mulher chega com uma demanda jurídica mas outras surgem no processo, como apoio psicológico ou acesso a benefícios sociais", relata.

Não à toa que a metodologia utilizada na Casa das Mulheres inclui o mapeamento de dados e cruzamento de demandas para pensar em ações mais amplas, efetivas e duradouras que os atendimentos pontuais. A ideia é que, a partir das necessidades concretas, sejam propostos novos projetos, reivindicações e políticas públicas que possam beneficiar um número maior de mulheres que habitam as favelas da Maré.

E assim, buscando apoiá-las em suas questões e problemas — ao mesmo tempo em que deixam claros os limites de sua atuação — as profissionais orientam as mulheres sobre seus direitos, as direcionam para atividades e atendimentos específicos e as encaminham, quando é o caso, para outras organizações parceiras e/ou órgãos públicos.

Destaque para a parceria iniciada em 2019 entre a Redes da Maré e a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, que disponibilizou equipes com defensores e técnicos para atendimento na região. Essa importante iniciativa possibilitou que demandas das mulheres fossem atendidas e resolvidas sem necessidade de processos e ações judiciais — encaminhando soluções com mais agilidade e evitando desgastes emocionais desnecessários.

Saúde mental, direito fundamental

Embora a violência de gênero não surja como queixa prioritária da maior parte das mulheres atendidas, a partir de uma escuta qualificada e contínua é

Equipe Maré de Direitos divulga material informativo para a população da Maré.

FOTO: REDES DA MARÉ

FOTO: REDES DA MARÉ

Atendimento jurídico a moradora da Maré.

possível perceber que muitas mulheres se encontram em situação de violência emocional ou psicológica.

Neste caso, elas são encorajadas a buscar fortalecimento e autonomia participando de projetos e iniciativas sociais e dos grupos terapêuticos — oferecidos diretamente pelo Maré de Direitos Mulheres, pela Redes da Maré ou outras instituições — entendendo que os ciclos de violências podem ser interrompidos de forma gradativa e processual.

Aqui o atendimento psicológico entra como elemento fundamental de cura e apoio a estas mulheres — lembrando que suas vidas, em muitas situações, são marcadas por tensões cotidianas em decorrência da violência armada e suas nefastas consequências (homicídios e agressões — muitas vezes vitimizando familiares e amigos, suspensão de aulas, fechamento de creches e serviços de saúde, invasões de domicílios, violação de direitos etc).

Não causa surpresa que a procura por atendimento psicológico individual seja especialmente elevada entre as mulheres que buscam o Maré de Direitos — quebrando o senso comum de que terapias e atendimentos psicológicos seriam demandas apenas das parcelas mais ricas da população.

Uma necessidade que demonstra que este atendimento deve ser fornecido pelo serviço público de saúde. Atualmente, esse tipo de atendimento é feito pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e pelos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) em casos específicos. A demanda aponta que é necessário estender o direito à saúde mental para a população em geral.

Dentro desta realidade, o projeto Maré de Direitos oferece apoio psicológico a partir de grupos terapêuticos semanais, tanto pela desproporção entre a procura e a capacidade limitada de atendimento, quanto pelo entendimento de que o acesso à saúde mental é um direito e deve ser oferecido de forma pública e gratuita.

> “Conheci a Casa por causa de um acontecimento trágico. Em junho de 2019, durante uma operação policial, minha irmã levou um tiro no peito. Isso me desestabilizou totalmente e minha família também. Recebi todo o auxílio das profissionais da Casa, tive apoio psicológico e a equipe me encaminhou para o projeto Maré de Sabores. Fez toda a diferença na minha vida. Hoje sei que tenho direitos que eu nem sabia que tinha. Daqui desta Casa eu não saio mais!”

Thaís Bárbara Machado de Oliveira, 27 anos
ATENDIDA PELO MARÉ DE DIREITOS

OUVINDO DE PERTO

Os plantões do Maré de Direitos acontecem aos sábados pela manhã, com acolhimento às demandas espontâneas das mulheres que vivem na região. Os atendimentos são interdisciplinares, sempre com a presença de pelo menos duas profissionais de áreas diferentes (Direito, Serviço Social ou Psicologia). Durante a semana são realizados encontros individuais feitos por agendamento e em 2020 os plantões acontecerão também às terças-feiras das 18h30 às 20h30.

Em 2019 foram feitos **337 atendimentos** a mulheres da Maré, com encaminhamentos diversos, mas sempre com foco na busca de autonomia emocional e financeira — e não apenas na solução de demandas pontuais.

Principais queixas e demandas*

- ACESSO A BENEFÍCIOS SOCIAIS (PREVIDÊNCIA, CARTÕES DE ASSISTÊNCIA, BOLSA FAMÍLIA)
- ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO INDIVIDUAL OU PARA FAMILIARES
- PEDIDOS DE PENSÃO ALIMENTÍCIA
- ACESSO A DIREITOS JURÍDICOS (TRABALHISTA, CONSUMIDOR, CÍVEL, FAMÍLIA)
- ACESSO À SAÚDE
- ACESSO À EDUCAÇÃO
- DESEMPREGO

(*) DAS MULHERES ATENDIDAS PELO PROJETO DESDE 2017

RESULTADOS

337 ATENDIMENTOS REALIZADOS PELO MARÉ DE DIREITOS

618 INSCRITAS PARA OS CURSOS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

8.815 ACESSOS PARA INFORMAÇÕES, PEDIDOS, APOIO, INSCRIÇÕES E CURSOS

150 MULHERES ALFABETIZADAS

200 MULHERES QUALIFICADAS PELA METODOLOGIA DA CASA DAS MULHERES

12 DIAS DE ATIVIDADES DESCONTINUADAS POR CAUSA DE OPERAÇÕES POLICIAIS NA MARÉ

37 TECEDORAS TRABALHAM NA CASA, SENDO **28** ORIUNDAS DA MARÉ

CASA DAS MULHERES DA MARÉ

Construção de desejos na contramão das desigualdades

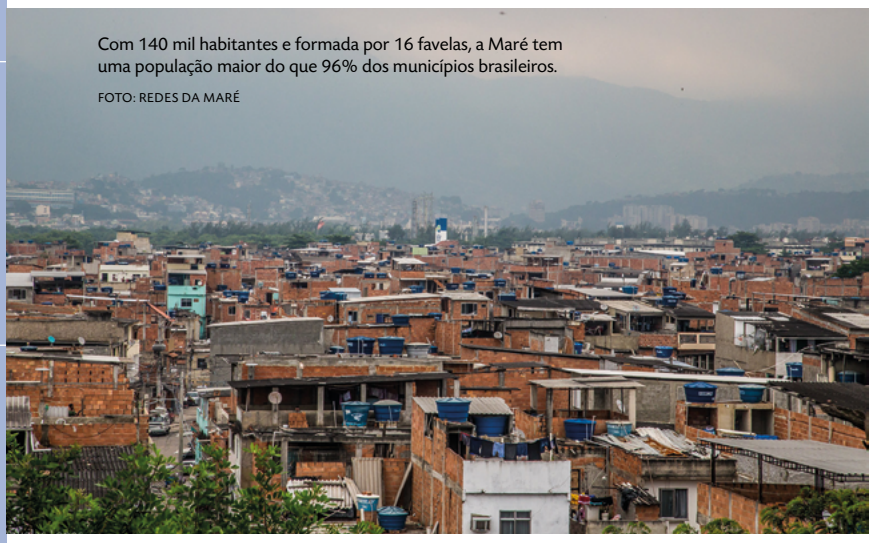
Interseccionalidade. Palavra que está fora do vocabulário da maioria das pessoas mas que traz em si muito do fazer cotidiano da Casa das Mulheres. O conceito busca agregar, em camadas não hierarquizadas, as diferentes formas de opressão que uma só mulher pode sofrer.

Ser mulher, negra ou indígena, nordestina, de favela no Rio de Janeiro é uma realidade que sobrepõe uma série de preconceitos, opressões e violações que precisam ser olhadas e acolhidas em conjunto.

Neste entendimento, a metodologia da Casa das Mulheres busca trabalhar com um atendimento integral às mulheres — não apenas com cursos de profissionalização ou atendimento jurídico e psicológico pontuais.

As profissionais da Casa acompanham as demandas das mulheres, buscando encaminhá-las para projetos, cursos e oportunidades oferecidas na Redes da Maré e em organizações parceiras, acessando serviços públicos, orientando-as sobre seus direitos e provocando reflexões sobre raça, classe e gênero em aulas e debates.

Além disso, uma das missões da Casa é pensar conjuntamente em propostas, promover discussões e colaborar com políticas públicas para mulheres, sobretudo das oriundas de favelas e periferias do Rio de Janeiro.



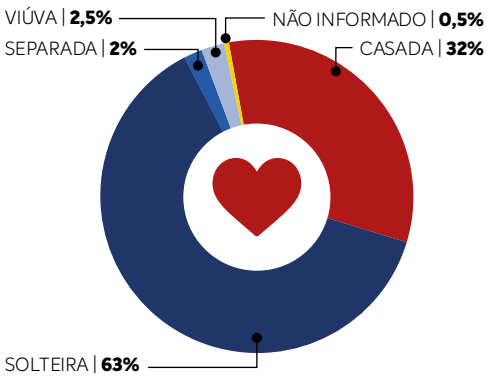
Com 140 mil habitantes e formada por 16 favelas, a Maré tem uma população maior do que 96% dos municípios brasileiros.

FOTO: REDES DA MARÉ

QUEM SÃO NOSSAS ALUNAS?

FOTO: DOUGLAS LOPES / REDES DA MARÉ

ESTADO CIVIL



IDADE

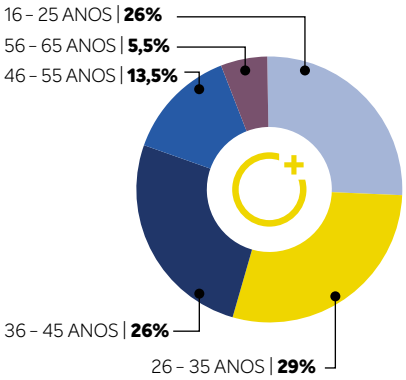
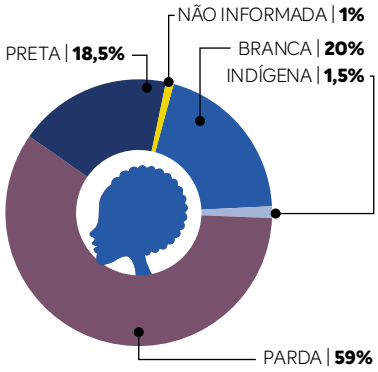
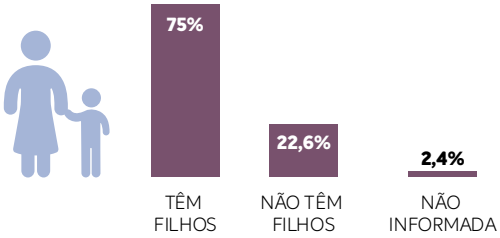


FOTO: GABRIELA LINO REDES DA MARÉ

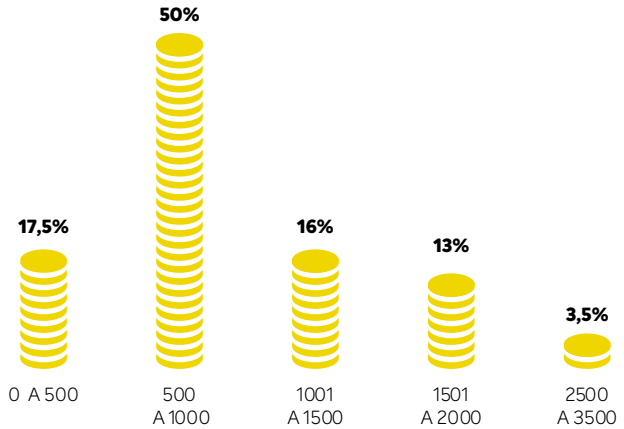
RAÇA | COR



COMPOSIÇÃO FAMILIAR



RENDA FAMILIAR (R$)



SITUAÇÃO DE TRABALHO

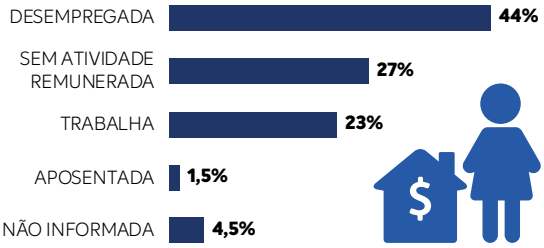


FOTO: REDES DA MARÉ

Grupo participa de dinâmica durante mentoria de orientação profissional.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Potencializando sonhos e trajetórias

Estimular as mulheres a buscarem seus sonhos, mostrando que é possível aliar autonomia financeira e realização pessoal. Este é um dos objetivos das mentorias coletivas de orientação profissional, que desde o início de 2019 são ministradas semanalmente para as mulheres que fazem parte dos projetos Maré de Sabores e o Maré de Belezas.

A ideia é ir (bem) além das formações técnicas e instigar as mulheres a trazerem à tona seus desejos, ousando pensar globalmente em projetos que deem vazão a suas vontades e respeitem suas trajetórias e realidades.

Longe de restringir o passo seguinte, a procura de um emprego formal, de carteira assinada — ainda que esta seja a opção para algumas mulheres — as mentorias de trajetórias, como são chamadas as oficinas, se propõem a ampliar o leque de possibilidades das participantes da Casa.

Nesse olhar, além de pensar em estratégias variadas para abrir o próprio negócio, de forma individual ou coletiva, o eixo de orientação profissional apoia as alunas na elaboração de currículos e incentiva o aprendizado de habilidades como informática, precificação, marketing digital, comunicação interpessoal e educação financeira.

> “A orientação profissional incentiva o aprendizado de habilidades como informática, precificação, marketing digital, comunicação interpessoal e educação financeira”

Articulado com as oficinas de Gênero e Cidadania, todo o trabalho da orientação profissional é pensado a partir da desconstrução de narrativas que relegam o trabalho da mulher ao cuidado com a casa e os filhos. Sendo o seu conteúdo pautado pelo resgate cultural, identitário, ancestral e territorial das mulheres, considerando suas trajetórias de mulheres negras, nordestinas, pobres, moradoras de favelas .

A metodologia provoca reflexões sobre as diferentes formas de ser mulher na Maré (trans, lésbicas, hetero, cis, dentre outras) e como esta realidade impacta na condução de seus projetos, não necessariamente de forma negativa como muitas foram levadas a acreditar, mas como potência, força e criatividade.

Mulheres participam de oficina de Gênero e Cidadania, parte do currículo das formações da Casa das Mulheres da Maré.

FOTO: DOUGLAS LOPES/ REDES DA MARÉ

OFICINAS DE GÊNERO E CIDADANIA

Ser e estar no mundo a partir da Maré...

Parte da formação interdisciplinar e global que forma a metodologia da Casa das Mulheres, as oficinas de Gênero e Cidadania pretendem instigar as alunas a refletirem e questionarem sobre a condição feminina na Maré.

No currículo, temas diversos, complexos e atuais perpassam a vida e as condições das possibilidades de ser mulher em um território onde direitos básicos são negligenciados e a violência institucional faz parte do dia-a-dia. Relações de poder, racismo, sexualidade, política de drogas, violência, padrões de beleza, potências, diversidade e sustentabilidade são alguns dos assuntos abordados ao longo do ano.

As rodas de conversa são a forma escolhida para fluir discussões e reflexões. Nesta metodologia, todas as experiências, opiniões e pontos de vista são valorizados e considerados. Nas trocas e diálogos, muitas percepções sobre condições de vida, maneiras de enxergar o mundo e de se relacionar com as diferentes demandas objetivas e subjetivas se fazem presentes.

As oficinas de Gênero e Cidadania são frequentadas pelas mulheres participantes dos projetos Maré de Belezas e Maré de Sabores (são quatro grupos por semestre, dois de cada projeto). Os encontros complementam o trabalho das duas iniciativas, sendo parte fundamental para a conclusão da etapa de qualificação profissional - o que tem sido muito enriquecedor para diferentes aspectos da vida das mulheres envolvidas.

"É um espaço de fortalecimento subjetivo com resultados muito concretos. Não é raro ouvir relatos das mulheres sobre como sofrem racismo na própria família e que, a partir das aulas, hoje elas nomeiam o que acontece, se defendem, verbalizam o preconceito e respondem a ele", explica Tássia Mendonça, orientadora profissional do Maré de Sabores e instrutora das oficinas de Gênero e Cidadania.

Assistente de cabelereira recém-formada fala sobre o Maré de Belezas.

FOTO: DOUGLAS LOPES/ REDES DA MARÉ

Potencializando a formação profissional

Os encontros conformam um processo na Casa das Mulheres da Maré onde o objetivo maior é a abertura e franqueza para tratar aspectos da vida das mulheres com o devido cuidado e acolhimento. Nessa perspectiva, ao trazer reflexões essenciais sobre desigualdades de gênero que afetam diretamente a sua inserção no mercado de trabalho (mais horas de trabalho doméstico, salários diferenciados em relação aos homens, exigências sobre a questão da maternidade no mercado formal e, em contrapartida, menos horas disponíveis para o seu desenvolvimento profissional e subjetivo), os encontros auxiliam nas escolhas dessa mulheres - que passam a ter uma visão ampliada do lugar que ocupam na sociedade .

As participantes dos projetos da Casa são majoritariamente mulheres negras e pardas (77,6%), o que indica a necessidade de realização de um trabalho que valorize e fortaleça a imagem e autoestima dessas mulheres. Assim, é fundamental apresentar referências, representações e histórias positivas de outras mulheres negras, como forma de corroborar para criação de novos imaginários e repertórios.

A partir destas realidades - complexas, profundas, ricas, diversas, a Casa das Mulheres da Maré busca aprimorar continuamente a sua metodologia e pensar ações contínuas de formação e engajamento para o seu público. Desta forma, os fatores classe, raça, território e gênero passam a ser percebidos e vistos como determinantes para que as mulheres possam pautar suas escolhas pessoais e profissionais e exercer seus desejos, cotidianamente.

Mulheres têm presença massiva na alimentação, que conta com 1.118 empreendimentos dentre as mais de 3 mil atividades comerciais da Maré.
FOTO: GABRIELA LINO/REDES DA MARÉ

Segundo Censo feito pela Redes da Maré, mulheres estão à frente dos empreendimentos da favela.
FOTO: ELISÂNGELA LEITE/REDES DA MARÉ

Uma Maré de mulheres

Quem são as mulheres que vivem, trabalham, estudam, criam seus filhos, se divertem e constroem o seu cotidiano nas favelas da Maré? Quem são essas que lutam por direitos, choram por seus filhos e denunciam situações de opressão que ocorrem nesse território? Quem são as mulheres que procuram a Casa em busca de apoio, acolhimento, qualificação profissional e direitos? Quem são elas, que sempre foram — historicamente — as responsáveis pelas formulação das lutas por melhores condições de vida?

Perguntas que parecem simples mas que trazem em si a complexidade dos significados em torno das diferentes experiências de existências das mulheres. O que as mulheres de periferias enfrentam nas suas vidas a partir dos desafios de viverem em regiões onde o direito à segurança pública não se estabeleceu. Onde, muitas vezes, faltam serviços públicos de qualidade e acesso à justiça — como é possível identificar em outras áreas da cidade. Ao mesmo tempo, as favelas demarcam um universo de possibilidades e forjam cada vez mais mudanças na maneira como querem ser reconhecidas e respeitadas.

A maioria das mulheres que procuram os projetos da Casa das Mulheres da Maré está em busca de apoio jurídico ou psicológico. Isso espelha a complexidade que há em torno da vida das mulheres que habitam nas 16 favelas da Maré. Expõe, ainda, as contradições, dificuldades e demandas em torno da necessidade de rompermos com ciclos de violência física, psicológica e dependência financeira que, muitas vezes, marcam a vida de grande parte das mulheres.

Podemos ver nos dados do Censo Populacional da Maré, produzido pela Redes da Maré que praticamente metade das mulheres com mais de 15 anos (49,4%) é responsável financeiramente por seus domicílios, sendo que 30,3% são únicas ou principais provedoras da casa — o restante (19,1%) exerce a responsabilidade de forma compartilhada com outra pessoa (não necessariamente um homem).

Dados do IBGE (2010) mostram, ainda, que na cidade do Rio de Janeiro o número é menor: 38,1% das mulheres são responsáveis pelos domicílios (de forma individual ou compartilhada). No Brasil, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2018 este percentual chegou a 45% — em sua maioria mulheres negras, com renda mais baixa, moradoras de periferias.

Não surpreende que as mulheres estejam à frente da maior parte dos mais de três mil empreendimentos comerciais existentes nas favelas da Maré, de acordo com o Censo de Empreendimentos da Maré, lançado em 2014. E que continuem abrindo seus negócios como alternativa de trabalho e buscando aprimoramento profissional em oportunidades como o Maré de Sabores e o Maré de Belezas.

Para muitas, a escolha pelo empreendedorismo tem uma face pragmática: 44,3% das mulheres que residem na Maré entre 20 e 24 anos já são mães — o que faz com que muitas prefiram trabalhar em casa para dar conta da criação dos filhos e afazeres domésticos ao mesmo tempo em que garantem o sustento da família.

Violência na realidade das mulheres de favelas

Espaços onde direitos básicos não são efetivados, as favelas são ainda cotidianamente afetadas pela violência — seja a policial, seja a de grupos armados — com consequências nefastas para os moradores. Mais uma vez, as mulheres estão entre os grupos mais atingidos.

São elas que precisam se ausentar do trabalho quando as aulas dos filhos são suspensas durante operações policiais ou em confrontos entre grupos armados (foram 24 dias sem aulas só em 2019). São elas que abrem mão de suas atividades para cuidar de filhos/pais/avós doentes quando os postos de saúde fecham em dia de operação policial (o que aconteceu em 25 dias de 2019, ano em que ocorreram 39 operações policiais nas favelas da Maré). São elas que precisam "se virar" com os filhos quando bibliotecas e projetos sociais não funcionam por causa dos tiroteios. São elas que reivindicam justiça quando seus filhos — quase sempre negros ou pardos — são agredidos ou mortos por policiais.

Embora 94% das vítimas de letalidade violenta na Maré sejam homens, as mulheres somam 58% das vítimas diretas de outras violações de direitos, tais como invasão de domicílio, violência verbal, ameaças, subtração de pertences, assédio sexual, violência psicológica, direito de ir e vir e danos ao patrimônio, entre outras, de acordo com os projetos De Olho na Maré e Maré de Direitos, do eixo de trabalho Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré.

E são elas que procuram apoio para denunciar as violações de direitos que atingem de modo ainda mais intenso as mulheres negras e pardas (que correspondem a 61,2% das mulheres da Maré e a 77,6% das mulheres atendidas na Casa das Mulheres em 2019). Não por acaso, seus filhos são o alvo preferencial das operações policiais e da violência armada: 96% das vítimas de letalidade violenta na Maré em 2019 foram jovens negros ou pardos, de acordo com o Boletim Direito à Segurança Pública na Maré.

Esse fato chama a atenção para a necessidade de considerar os fatores raça e classe social — ao lado das questões de gênero — como estruturais para o aprofundamento das desigualdades e violação de direitos. Ou seja, são camadas de vulnerabilidade que se sobrepõem e precisam ser consideradas nas demandas por políticas públicas, reivindicação de direitos e reparações.

Os números evidenciam uma realidade que pode ser vista a olho nu na favela: são, na sua maioria, as mulheres que dão conta do sustento material e afetivo das famílias e estão — historicamente — à frente das lutas pela melhoria das condições de vida na Maré. Uma demonstração da força e potência femininas mas sobretudo a constatação das responsabilidades e complexidades que recaem sobre os ombros das mulheres que vivem nas favelas do Rio de Janeiro.

Público-alvo do trabalho da Redes da Maré, mulheres são maioria favela.

FOTO: ELISÂNGELA LEITE/REDES DA MARÉ

RETRATO DA MARÉ

49,4%

DAS MULHERES COM MAIS DE 15 ANOS É RESPONSÁVEL FINANCEIRAMENTE POR SEUS DOMICÍLIOS

61,2%

DAS MULHERES DA MARÉ SE DECLARAM PRETAS E PARDAS

EM 2019, UNIDADES DE SAÚDE FORAM FECHADAS A CADA **15** DIAS DEVIDO ÀS OPERAÇÕES POLICIAIS, COM **15 MIL ATENDIMENTOS SUSPENSOS**

ENTRE 2016 E 2019, AS ESCOLAS TIVERAM SUAS ATIVIDADES SUSPENSAS POR **89** DIAS, DEIXANDO CERCA DE **16 MIL ALUNOS** SEM AULA

WOW RIO

Da Maré para o mundo. Do mundo para a Maré

FOTO: WOW RIO/REDES DA MARÉ

Manifestações culturais e apresentações artísticas foram destaque no WOW Rio 2018.

Ao visitar a Casa das Mulheres da Maré e entender o trabalho estratégico feito ali, a britânica Jude Kelly não teve dúvidas: aquele local de acolhimento, potente e consolidado nas favelas da Maré, era o ponto de partida para expandir o Festival Mulheres do Mundo para a América Latina.

Com o conceito de atingir e sensibilizar mulheres globalmente a partir de suas lutas e realidades locais, o WOW (sigla em inglês de Women of World) aportou no Rio de Janeiro em 2018, tendo como inspiração a Casa das Mulheres da Maré - experiência idealizada pela Redes da Maré, que se tornou a instituição realizadora do Festival no Brasil ao lado do Southbank Centre e do British Council Brasil.

> "O Festival Mulheres do Mundo — WOW — traz na sua essência a possibilidade concreta de reunir mulheres a partir das suas diferentes configurações. Um espaço para se estabelecer encontros, criar laços, experimentar o local, o nacional, o global. Um momento para sorrir, se emocionar e viver a maravilhosa experiência sobre a liberdade que conquistamos ao afirmar nossas vozes e desejos."
>
> **Eliana Sousa Silva**
> CURADORA E ORGANIZADORA DO WOW RIO E DIRETORA DA REDES DA MARÉ

Evento global que já foi realizado em 20 países entre Europa, Ásia e África, o Mulheres do Mundo tem como inspiração o festival que começou em 2010 em Londres e que em 2019 virou uma Fundação que leva o seu nome, para dar suporte ao conjunto de festivais que foi tomando corpo em todos os continentes.

WOW Rio 2020

A próxima edição do WOW Rio já tem data marcada: será entre os dias 06 e 08 de novembro de 2020. E acontece em um momento importante, de recusa das mulheres brasileiras e latino-americanas a aceitar retrocessos nos direitos já conquistados com muita luta.

Espaço de encontro, de celebração, de lutas e de conquistas. Lugar de troca de experiências e abertura para novas possibilidades. Um grande encontro, onde mulheres de origens e trajetórias diferentes refletem sobre os muitos lados de uma só questão. Momento de renovação de energias e alianças para novas lutas e resistência a retrocessos.

O WOW Rio 2020 será mais uma voz na busca por igualdade, liberdade, direito ao corpo, à cidade e a existir. Um grito que ecoa, mostrando que as mulheres não serão contidas ou silenciadas pela onda conservadora vivida nos últimos tempos no Brasil e em outras partes do mundo.

Em 2018, o WOW Rio reuniu mulheres de toda a cidade, além de convidadas nacionais e internacionais, em dezenas de atividades sobre a diversidade da experiência feminina no mundo de hoje.

A Fundação WOW produz festivais com este formato em todo o mundo, buscando fortalecer o diálogo sobre questões enfrentadas por meninas e mulheres e explorar possíveis causas e soluções. É o maior, mais abrangente e mais importante festival dedicado a apresentar trabalhos realizados por mulheres e encorajar a busca por igualdade de gênero.

Esquenta WOW

Em 2019, entre uma edição e outra do Festival no Rio, foram realizados os "Esquenta WOW", seis encontros locais que mobilizaram mulheres de diferentes regiões da cidade (Maré, Centro, Duque de Caxias, Niterói e Santa Cruz) — além de uma edição especial em Fortaleza, no Ceará.

Os encontros abrangeram as quatro dimensões do Festival Mulheres do Mundo (WOW) — diálogos, ativismo, empreendedorismo e produções artísticas e culturais. A ideia foi manter a mobilização, reflexões e debates para temas, lutas e questões de gênero de forma permanente e sistemática, atualizando a agenda de discussões, fomentando parcerias e construindo pontes para a realização da próxima edição do WOW Rio.

Jovens mulheres da Maré, as "wowseiras", com Jude Kelly e Eliana Silva.

FOTO: JESSICA PIRES/ REDES DA MARÉ

Debates lotados com convidadas locais, nacionais e internacionais foram a tônica do evento.

FOTO: WOW RIO/REDES DA MARÉ

"Conhecer a Casa das Mulheres da Maré foi uma experiência única e linda! Foi muito impactante entender como a Casa funciona como um lugar de segurança, paz e, sobretudo, de educação, em meio a uma vizinhança com tantos conflitos e desafios. Percebi que este é o tipo de lugar que as mulheres estão precisando em todo o mundo. Não é só um lugar de refúgio para as batalhas do dia a dia, mas um lugar onde as mulheres podem refletir sobre como suas vozes trazem mudanças profundas não só em suas próprias vidas, mas na comunidade e até mesmo no País.
Falo isso porque o Brasil é um país que, ao apresentar soluções criativas, impactam o mundo todo.
A Casa das Mulheres da Maré é o que podemos esperar de um local assim: um lugar para pensar de forma criativa, com mulheres com profundas experiências de vida, sabendo que as mudanças interseccionais ajudam a redesenhar o mundo.

Jude Kelly

IDEALIZADORA DO FESTIVAL E PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO WOW, VISITOU A CASA DAS MULHERES DA MARÉ EM 2016

PARCEIROS E EQUIPE

Sonho junto é realidade

Muitas mãos, mentes e corações fazem a Casa das Mulheres acontecer. De projetos realizados pela Redes da Maré a atendimentos em universidades, igrejas e órgãos públicos, vários são os parceiros que prestam apoio para garantir direitos das mulheres do território.

Destaques para as parcerias entre a Redes da Maré e a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro — que disponibilizou equipes para atendimento na Maré — e com a Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em uma relação de longo prazo que tem contribuído para o debate sobre o papel social que a universidade deveria cumprir.

Reforçamos a importância dos parceiros que aportam recursos financeiros, somam e fazem da Casa um espaço criativo, acolhedor e potente. Como o Instituto Nissan, apoiador em 2019 do projeto "Trajetórias", que busca fortalecer a caminhada das participantes das ações da Casa e foi suporte fundamental para a construção coletiva da metodologia que desenvolvemos no cotidiano.

Como o Instituto L'Oréal, parceiro no Maré de Belezas e no Escreva seu Futuro que tem sido primordial para a qualificação profissional e ampliação do acesso à educação formal das mulheres.

Como o Instituto Grupo Pão de Açúcar (GPA), que possibilitou oferecer e ampliar as formações no Maré de Sabores, trazendo mulheres formadas para a equipe de docentes da gastronomia básica.

Como a Fundação Ireso e a Kindermissionswerk, que apoiaram a construção física da Casa das Mulheres da Maré.

Como o Rotary Club Internacional, que pelo Maré de Sabores vem construindo uma relação de longo prazo que ajuda a fortalecer o empreendedorismo das mulheres nas suas escolhas profissionais e de vida.

Como a Associação de Moradores do Parque União, parceira nas ações de desenvolvimento local. Como o Projeto Fio, que mobiliza mulheres para pensar suas histórias de vida pelo bordado. E o Mulheres ao Vento, que tem a arte como elemento que agrega — a partir da dança — questões sobre o corpo e as subjetividades das mulheres das favelas.

Aniversário de 3 anos da Casa.
FOTO: GABRIELA LINO/REDES DA MARÉ

Mulheres do buffet Maré de Sabores.
FOTO: REDES DA MARÉ

Mariana Aleixo (Maré de Sabores), Julia Leal (Maré de Direitos) e Andreza Jorge (Maré de Belezas) — coordenadoras da Casa das Mulheres da Maré.
FOTO: DOUGLAS LOPES/REDES DA MARÉ

TECENDO COM AS MULHERES

Elas fazem a Casa das Mulheres da Maré acontecer todos os dias. São 37 mulheres, sendo 28 moradoras ou oriundas das 16 favelas Maré - todas com histórias, conexões e profundo compromisso com as transformações no território.

ACOMPANHAMENTO PELA DIREÇÃO DA REDES DA MARÉ: **Eliana Sousa Silva**

COORDENADORA EIXO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: **Maira Gabriel**

COORDENAÇÃO: **Andreza Jorge, Julia Leal e Mariana Aleixo**

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO: **Myllenne Furtado**

APOIO: **Cristiane Rodrigues e Silvânia Leal**

APOIO ADMINISTRATIVO: **Denize Ribeiro e Eliane Laila**

GESTORA FINANCEIRA: **Elisangela Rangel**

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: **Ana Beatriz Giácomo e Tássia Mendonça**

PSICÓLOGA: **Vanessa Lima**

ADVOGADA: **Milena Afonso**

INSTRUTORAS DO MARÉ DE SABORES: **Elma Ashar, Lívia Santos, Michelle Gandra, Paula Duarte e Vanessa Brandão**

Instrutora do Maré de Belezas: **Daiana Azevedo**

TECEDORAS COZINHEIRAS: **Adriana Moreno, Andrea Maria, Carla Pontes, Ellen Cardoso, Evelen Lopes, Fabiana Almeida, Janaina Cardoso, Josefa Pereira, Marta Silva, Michele Lopes, Rafaela Feitosa, Sandra Barbosa, Sandra Kpormorne, Tatiana Lima, Zélia de Jesus**

ALFABETIZADORAS DO ESCREVENDO SEU FUTURO: **Alcicleia Ramos e Carla Reis**

APOIO:

REDAÇÃO E EDIÇÃO: LUCIANA BENTO/PAUTA POSITIVA COMUNICAÇÃO
DESIGN: MÓRULA_OFICINA DE IDEIAS